

Editorial



Osvaldo Cabral
osvaldo.cabral@diariodosacores.pt

Justiça à portuguesa!

Alguém acredita na justiça deste país?

Permanentemente enredada em conflitos internos e dominada por grupos de interesses, a Justiça portuguesa há muito que deixou de funcionar contra os poderosos, fazendo-se forte apenas com o pobre do cidadão comum.

É impressionante o número de acusados e julgados que consegue fugir do país para não cumprir as respectivas penas, gente de enorme influência na sociedade, quase sempre com poderio económico, enquanto que o cidadão comum, quando sentenciado, é-lhe logo retirado o passaporte e proibição de sair do país.

Aos magnatas poderosos dá-se permissão de viajar e de andarem livres sem restrições que se conheçam.

Temos agora a repetição de uma novela desta triste sina que é um banqueiro sair do país e, descaradamente, dizer que não regressa para cumprir a pena que lhe foi sentenciada.

Um filme já visto muitas vezes, só para confirmar que a Justiça portuguesa continua de rastos e sem credibilidade nenhuma. Uma vergonha.

Vamos assistir nos próximos tempos a outros episódios que continuarão a envergonhar o sistema judicial deste país.

É só olhar para o andamento da Operação Marquês...

Quem paga?

E a propósito de Justiça, tivemos esta semana esta história fantástica que é um governo mandar fazer obras nos portos de Rabo de Peixe e da Povoação e depois não pagar a factura!

Agora vamos ter que pagar o “calote” com juros de mora, quase meio milhão de euros, que davam para investir em tanta coisa necessitada nesta região.

Erros destes deviam ter responsáveis, pessoas com rosto, e chamá-los à justiça para assumirem os prejuízos.

Como vivemos num país em que os políticos fazem as leis para se protegerem uns aos outros, não há responsabilidade criminal pública que se possa aplicar nestes casos de esbanjamento e negligência, ao contrário das sociedades mais avançadas do que nós.

É o que temos: políticos a viverem na maior das impunidades e nós, contribuintes, a gemer do nosso bolso para pagar essas irresponsabilidades ruinosas.

Lembrando Sta. Bárbara...

As enxurradas dos últimos dias, que apanharam desprevenidas algumas populações, especialmente nos Mosteiros, vieram pôr a nu, mais uma vez, o problema da limpeza das ribeiras e das matas.

Não é possível que, passados todos estes anos e depois de tantos acontecimentos semelhantes, seja possível ver enormes troncos e restos de cortes de árvores arrastados para as ribeiras, provocando os estragos habituais nestas inundações.

É provável que não se possa fiscalizar todo o imenso território que circunda as ribeiras desta ilha, mas as zonas mais críticas, sobretudo as que corram para os povoados, deviam merecer uma atenção mais cuidada por parte das autoridades.

Com tanta gente no desemprego e nos programas ocupacionais, seria interessante criar bolsas de intervenção para apoio a essas localidades, como se fazem noutras paragens, até recorrendo ao pessoal que cumpre penas de prisão.

O inverno está a chegar e é bom que nos lembremos do velho provérbio sobre Santa Bárbara e a trovoadas...

Actriz Maria Fátima Belo muda-se para a ilha do Pico



POR RÓMULO ÁVILA, NO PICO

“O Pico consolidou a minha paixão pelos Açores”. Quem o diz é Maria Fátima Belo que escolheu São Roque do Pico para viver, pois considera que “esta terra está no meio caminho, entre uma Madalena descaracterizada e as Lajes que não poderia ser uma escolha por questões logísticas”.

Tem como lema de vida “a serenidade”, veio de armas e bagagens para São Roque do Pico, e na conversa com o Jornal do Pico, salienta que o “Pico tem imensas potencialidades ainda por aproveitar, dependendo também do olhar de quem procura e o que procura”.

Com 54 anos, a atriz considera que o “triângulo - cultura, arte e educação - são fundamentais na edificação de uma identidade única que pode ter expressões várias e ser suporte da economia local”.

Assume este como sendo “um novo desafio de vida”, e realça ao nosso jornal que “já vem de férias aos Açores há mais de 25 anos, e ao Pico, há sensivelmente 15 anos”.

Não sente falta de nada no Pico

“A vivência ainda que temporária de uma certa realidade foi a conexão para abraçar este desafio na minha vida”, assume.

É certo que hoje em dia consegue-se através de um computador trabalhar em qualquer parte do mundo e que é importante a explorar esta nova forma de encarar o mundo laboral, Fátima Belo sublinha mesmo que “consegue gravar os seus trabalhos audio para o continente” e já efectuou “do Pico, trabalhos para o Canada, para as comunidades imigrantes”.

No entender da atriz, o “concelho de São Roque daria uma novela ou um excelente filme”, pois e disse “a manter-se a identidade do concelho, as suas características geográficas, culturais, imateriais e históricas, temos território para muitos filmes”.

Na ilha, “não sente falta de nada, pois o objectivo é simplificar e viver com a abundância natural que o Pico proporciona”.

Saúde: uma área a reflectir

No entanto, à reportagem do JP, Fátima Belo, deixa um alerta: “a saúde seria uma área a reflectir para melhorar”.

“A simpatia, a disponibilidade e o acolhimento” são marcas desta terra e são das coisas que mais aprecia nas pessoas de São Roque do Pico.

“Quem sou eu para deixar mensagens. Apenas estou muito grata por me acolherem”, afirma a atriz, perante a nossa vontade para para que deixe uma mensagem à comunidade.

Exclusivo Jornal do Pico/Diário dos Açores